

# A verdadeira vocação do super-8

Rafael Spuldar\*

Depois de passarem uma década esquecidas nos porões úmidos e sótãos empoeirados, as câmeras de super-8 voltaram a rodar em Porto Alegre nos anos 90. E voltaram com força total. Na mostra competitiva realizada no Festival de Gramado de 98, mais de 20 filmes concorreram, a maioria esmagadora produzida no Rio Grande do Sul. Em 99, o fenômeno deve se repetir, e com uma participação maior de Santa Catarina e Paraná

Com essa volta triunfal, é importante discutir o verdadeiro papel do super-8 dentro do mercado cinematográfico, não só gaúcho, mas brasileiro também. Esse debate já teve suas primeiras rodadas acontecendo em diversos lugares, desde artigos de jornal até mesas de bar.

Para se iniciar a discussão, é preciso levar em conta as possibilidades técnicas da "bitola nanica". Este aspecto é um dos mais problemáticos para quem quer se aventurar a fazer super-8, podendo levar a decepções e desistências prematuras.

Em termos de imagem, o bicho não é tão feio quanto parece, pois os filmes de baixa sensibilidade (em preto-e-branco, o PlusX, e em cores, o Kodachrome, ambos de ASA 40) não apresentam uma granulação tão grande e podem levar a resultados bastante satisfatórios, quando a fotografia é bem executada.

A montagem é talvez o processo mais primitivo dentro do super-8 (que, por si só, já é meio paleolítico). As moviolas geralmente têm uma luminosidade terrível e arranham bastante a película. E a colagem... bem, a colagem é feita com fita adesiva, um artifício não muito avançado em termos tecnológicos.

Mas o grande problema do super-8 é o som. A banda magnética onde ele é gravado tem uma largura muito estreita, o que detona a qualidade e prejudica a compreensão de diálogos. A própria gravação é algo problemático, porque demanda uma série de conexões feitas no projetor sonoro, um equipamento não muito sofisticado para estes fins.



Já a sincronia entre imagens e som é uma lenda, uma utopia para os superoitistas.

Todas essas limitações fazem com que as pessoas envolvidas com super-8 procurem se adaptar, buscando argumentos e roteiros sem muitos diálogos, ou que não exijam muito na hora da montagem. Apesar disso, alguma ambição ainda é permitida.

Outro aspecto a ser levado em conta na discussão sobre o papel do super-8 são as possibilidades de mercado. A visão "artística" da bitola é compartilhada por um público muito reduzido, composto por quem realiza os filmes, as pessoas ligadas à "cena superoitista" e alguns críticos de cinema e estudantes universitários.

Já o grande público ainda tem do super-8 uma imagem de "coisa caseira", uma maneira de se filmar aniversários, batizados e casamentos antes da chegada do vídeo. Pouquíssima gente está acostumada a ver filmes baratos, com uma imagem de qualidade inferior e um som abafado e sem sincronia. Os meios de comunicação também ajudam a manter o super-8 na obscuridade, dando pouca divulgação aos eventos e mostras onde os filmes são exibidos. E os patrocinadores não arriscam investir num produto de pouca abrangência e retorno reduzido.

Para se mudar essa mentalidade geral, o público precisaria se acostumar com os problemas técnicos para assistir aos filmes com naturalidade. A mídia deveria dar uma cobertura maior aos festivais e mostras de super-8. A televisão, por exemplo, poderia dar um jeito de passar os filmes, levando a produção superoitista até o público. Com tudo isso, os patrocinadores teriam um retorno maior e poderiam criar um hábito de apoio à "bitolânica".

Você notou? Tudo no condicional: "precisaria", "deveria", "poderia"... Esse processo demanda tempo e muito esforço que, no fim, pode resultar em nada.

Mas nem tudo é um filme de horror. Existem basicamente duas grandes vantagens de se filmar em super-8. Primeiro, os baixos custos. Em comparação com o orçamento de um filme em 35mm, mesmo um curta, o preço de um super-8 é muito inferior. Assim, a captação de recursos é facilitada. É só a pessoa guardar uma grana durante um tempo, pedir mais um pouco pro pai, pra mãe, pro avô e pra tia e eis o dinheiro pra rodar um filme.

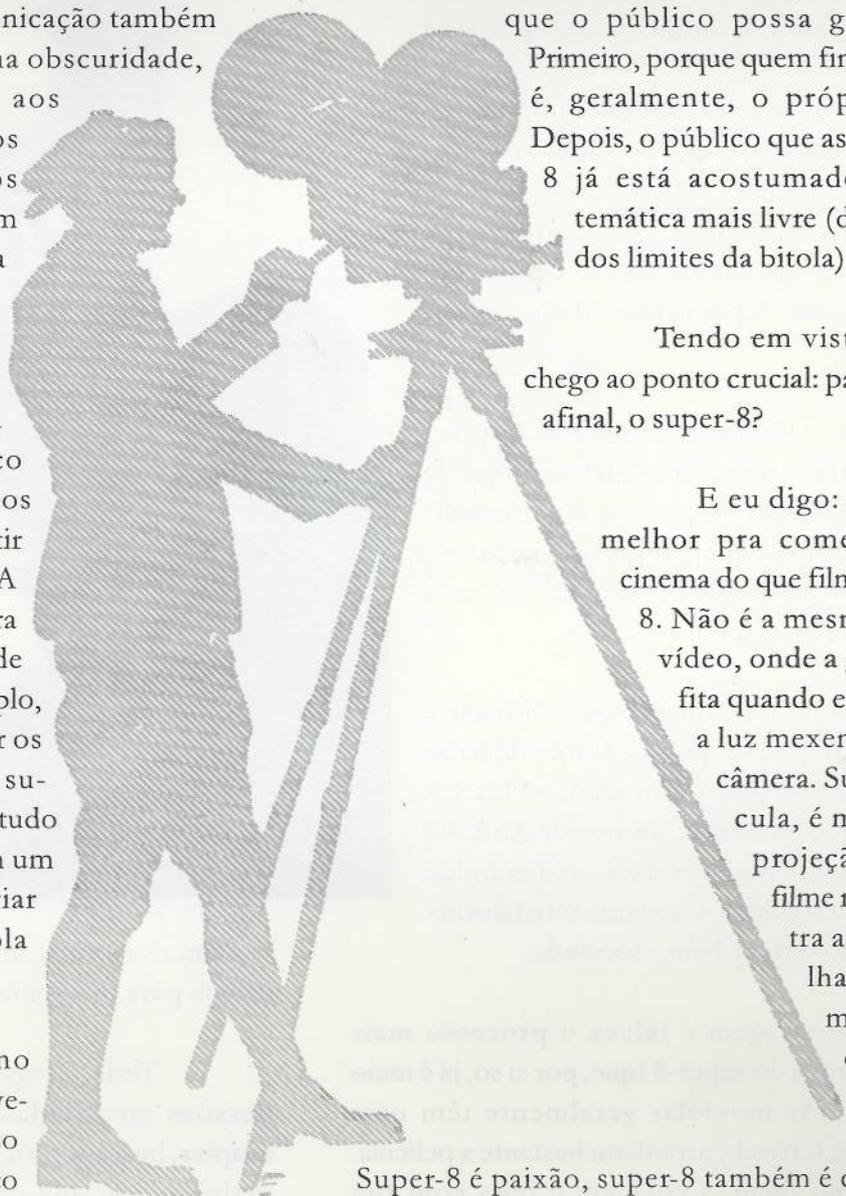
Outro ponto positivo é a liberdade de criação. Em super-8 se faz filmes experimentais sem muito medo de errar, porque o orçamento é baixo. E não existe pressão sobre o diretor para se fazer algo que o público possa gostar mais.

Primeiro, porque quem financia o filme é, geralmente, o próprio diretor. Depois, o público que assiste a super-8 já está acostumado com uma temática mais livre (dentro, claro, dos limites da bitola).

Tendo em vista tudo isso, chego ao ponto crucial: para que serve, afinal, o super-8?

E eu digo: não há nada melhor pra começar a fazer cinema do que filmar em super-8. Não é a mesma coisa que vídeo, onde a gente volta a fita quando erra, ou acerta a luz mexendo na íris da câmera. Super-8 é película, é montagem, é projeção. É ver o filme revelado contra a luz, é trabalhar com fotômetro, é ouvir o barulhinho da câmera rodando.

Super-8 é paixão, super-8 também é cinema, mas super-8 é, antes de tudo, aprendizado.



É aqui que se aprende a linguagem cinematográfica, se conhece a dinâmica de uma produção, se bota a mão na massa. Fazer super-8 é exercitar-se em cinema, e é essa a preocupação que o diretor deve ter. Aproveitar a liberdade da bitola e colocar na película o seu poder criativo, sem se estressar sobre onde o filme vai ser exibido, ou como o público vai receber a sua obra. Só não digo que super-8 é brincar de fazer cinema porque daria a entender que o negócio não é sério.

Mas é tudo um estágio, é um primeiro passo em direção a algo maior. É aqui, na maioria das vezes, que começam os futuros talentos e profissionais do cinema. Desses curtas financiados por eles mesmos, os superoitistas partem para a maturidade, atrás de um começo para as suas carreiras. Pode-se dizer que, numa analogia com o futebol, o super-8 é a “divisão de base” do cinema, onde se faz a peneira que separa os bons dos pernas-de-pau.

Outro bom uso do super-8 pode ser feito por aqueles interessados em experimentar. Esse tipo de filme mais ambicioso não tem muito respaldo pelos patrocinadores, o que quase inviabiliza a sua realização e obriga o cineasta a pagar seus próprios projetos. Então, se é pra botar dinheiro do próprio bolso, que não se gaste muito. E não tem nada mais barato em cinema do que fazer um super-8. Se houver dúvidas sobre a qualidade dos filmes experimentais na bitola, é só assistir a “Sobrevida”, do Rafael Sirângelo, e “A Banda”, do Leandro Rangel.

No fim das contas, chegamos a uma conclusão sobre o papel do super-8. Conquistar o mercado é loucura: seria lutar contra uma mentalidade estabelecida há muito tempo, e exigiria muito esforço tentar mudá-la sem a certeza de um resultado. Assim, o ideal é formar novos cineastas, estimulando a sua criatividade e a vontade de fazer filmes, e arriscar o experimentalismo. Logo, o super-8 serve como um laboratório do cinema. Um local de estudos, tentativas e revelações para um amanhã não muito distante.

---

\*Estudante de Comunicação Social na PUCRS e diretor do super-8 “Delirium” (Melhor Montagem – Festival de Londrina – 99)